



## O ano de 1916 na correspondência de Fernando Pessoa

### *The Year of 1916 on Fernando Pessoa's Correspondence*

Rodrigo Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/Brasil

rodrigoaxavier@letras.ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0003-3801-8962>

**Resumo:** O presente contributo apresenta um panorama de documentos redescobertos da correspondência pessoal de Fernando Pessoa, dedicando-se mais detidamente aos papéis datados de 1916, ano marcado por tragédias familiares que exerceram importante influência na produção do poeta português.

**Palavras-chave:** Correspondência de Fernando Pessoa; Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro; “Aquele Outro”.

**Abstract:** This contribution presents an overview of rediscovered documents from Fernando Pessoa's personal correspondence, focusing more closely on the papers dating from 1916, an outstanding year distinct by family tragedies that exerted a considerable influence on the Portuguese poet's activity.

**Keywords:** Fernando Pessoa's correspondence; Fernando Pessoa and Mário de Sá-Carneiro; “Aquele Outro”.

O futuro é a aurora do passado

Teixeira de Pascoaes

A epígrafe que encima o presente contributo foi considerada por Eduardo Lourenço uma das mais profundas frases ouvidas por ele durante sua vida. A contundência da sentença, segundo o intelectual português, reside justamente na ideia de que, quanto mais avançamos no tempo, crescem as possibilidades de lançarmos luz sobre o passado, revisitarmos a história para reescrevê-la, evitando repetir os equívocos políticos, econômicos, sociais e humanitários, outrossim, compreender que, para tudo o que existe, há uma gênese, um percurso, um itinerário.

Transferindo essa preocupação genética ao trabalho com espólios literários, transforma-se a preocupação em método, e a tarefa deixa de ser eletiva para se tornar imprescindível. E quanto mais são descobertos (ou redescobertos) novos documentos, maiores as chances de se lançar a tal luz sobre o processo criativo do autor, sobre os diálogos deste com outros escritores, sobre o confronto de testemunhos do que se constituiria, no futuro, o texto em sua versão definitiva, publicada em periódico, livro, *plaque*, outros suportes. No caso do espólio de Fernando Pessoa, a constante é que essa revisitação aos testemunhos, na busca incessante pela gênese, encontre fragmentos inacabados, inconclusos, rasurados, em estado de latência, para que seus futuros editores desvelem – ainda que não completamente – aquilo que viria a ser a sua versão final.

No último número da *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, foram trazidos à luz novos documentos desse espólio infinito pessoano. Esse conjunto formado por correspondências trocadas no âmbito das relações familiares de Fernando Pessoa, incluindo a mãe, tios, padrasto, irmãos, algumas outras enviadas por parceiros intelectuais, outras por figuras descobertas na biografia do poeta mais recentemente (é o caso de Madge Anderson, por exemplo), e ainda, cartas de natureza comercial, constituem mais uma peça do imenso *puzzle* que é o espólio pessoano. Essa correspondência esclarece pontos ainda desconhecidos sobre as relações que Pessoa estabeleceu durante praticamente toda a sua vida, incluindo o trabalho nos escritórios, a atividade literária, as dificuldades financeiras, e outros aspectos biográficos que iluminam em certa medida o cidadão Fernando Pessoa.

As cartas do conjunto recentemente apresentado por mim, ao lado de Jerónimo Pizarro, Rui Sousa, Fernanda Vizcaíno e Enrico Martines é

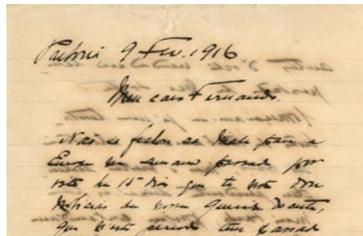
composto por 242 documentos, entre cartas, postais, poemas, bilhetes e outros materiais de natureza menos catalogável, escritos num intervalo de 55 anos, já que o documento mais antigo do conjunto data de 1880, oito anos antes de Pessoa nascer, e o último, de 1935, ano de morte do autor. Neste breve contributo apresentarei apenas cartas, essas datadas do ano de 1916, não apenas porque se faz necessário o recorte para os propósitos do texto, mas porque o conjunto completo das novas aquisições já está devidamente apresentado em versão comentada e de forma circunstanciada.

A escolha do ano de 1916 pode parecer aleatória num primeiro momento, mas me parece justificável considerando os acontecimentos que perpassam as missivas objeto deste contributo. Além disso, 1916 não é um ano explorado exaustivamente pela crítica pessoana, em comparação com outros, como, por exemplo, 1914, por ocasião do mítico “dia triunfal”, ou, ainda, 1915, o ano de *Orpheu*.

Volto alguns meses no tempo para fins de contextualização. Em novembro de 1915, a mãe de Fernando Pessoa, Maria Madalena Nogueira, sofre um terrível derrame, que a deixará com duradouras sequelas, o que fará com que Pessoa se sinta “totalmente atordoado” (Zenith, 2022, p. 553). Pode confirmar-se a observação de Zenith a partir de uma carta de João Miguel Rosa, padrasto de Pessoa, escrita em 9 de Fevereiro de 1916:

Chegou cá, em 3 do corrente, a tua carta de 3 de Janeiro, a primeira escripta depois de te chegarem as más noticias d’aqui. Pelo meu estado d’espírito, avalio bem a tua inquietação, e, como bem podes crêr, a minha alegria será bem intima se te puder dar em todas as cartas noticias que contribuam para te restabelecer o socêgo. (Martines; Vizcaíno; Xavier; Pizarro; Sousa, 2023).

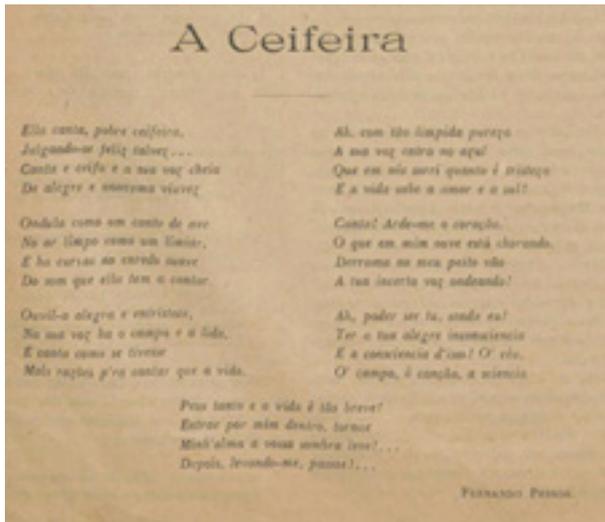
Figura 1 – Carta de 9-2-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Naquele ano, Pessoa contribui para três importantes revistas do cenário literário da ocasião, *Exílio*, *Terra Nossa* e *Centauro*, respectivamente, com “Movimento Sensacionista” (e “Hora Absurda”), “Ceifeira” e “Passos da Cruz”.<sup>1</sup>

Figura 2 – “A Ceifeira” (detalhe) In. *Terra Nossa* – Nº 3 – Set. 1916



Fonte: [https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Terra\\_nossa\\_3.pdf](https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Terra_nossa_3.pdf)

Não se trata de apenas de poemas publicados a esmo. Alguns dos poemas publicados em 1916 fazem parte do conjunto de poemas mais publicados em vida pelo poeta. É o caso de “Ceifeira” e do Soneto XII de “Passos da Cruz” (“Ella ia, tranquila pastorinha”[...]). Não menos importante, “Hora Absurda” e “Movimento Sensacionista”, textos em certa medida complementares em importância para a teoria e a estética do Sensacionismo.

<sup>1</sup> Sobre a importância do ano de 1916 no contexto de produção das revistas literárias em Portugal ver: MARQUES, Ricardo. “1916: Um ano de revistas literárias”. In. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 38, n. 2, p. 199-209, jul/dez. 2016 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>.

Figura 3 – 107-1 a 4ª cópia dactilografada do artigo Movimento Sensacionista, publicado na revista *Exílio* em Abril de 1916 (detalhe)



Fonte: PESSOA, Fernando. *Sensacionismo e Outros Ismos*, 2009, p. 203

É, também, em 1916 que Pessoa concebe doze de suas já catalogadas 136 personalidades fictícias: Hadji-Muhrad (autor do método secreto de ganhar nos jogos de azar e nas loterias); Sher Henay (compilador e prefaciador de uma antologia sensacionista); Padre Antonio de Seabra (que assina o panfleto periódico de crítica de ideias e costumes); Claude Pasteur (tradutor dos cadernos de reconstrução pagã); James L. Mason (tradutor dos cadernos de *Athena*); Henry More (autor da frase “a minha arte é instruir, não revelar”); Wardour (figura bilingue, muito presente na comunicação mediúnic de Pessoa); Voodooist (autor de um pequeno

poema, cujo primeiro verso é: “No ardor que não dista”); Joseph Balsamo (personalidade que tem por referência o alquimista siciliano Conde de Gagliostro); Henry Lovell (personalidade pouco criativa, que se refere em suas comunicações ao estado de desassossego de Pessoa); James Joseph (autor da frase “Nenhum homem é um deus salvo na limitação infinita da sua palavra”); J. H. Hyslop (dialogador mediúnico de Pessoa); e ainda, entre 1916-1917, George Henry Morse; Marnoco e Sousa (Pizarro; Ferrari, 2017, p. 491-542). São de 1916 trechos do *Livro do Desassossego*, como: “Diário Lúcido”; “Declaração de Diferença”; “Anteros – o amante visual”; “Marcha Fúnebre para o Rei Luís Segundo da Baviera”; “Nenhum problema tem solução”; e “Senhor Rei do desaparego” (Pessoa, 2014, p. 179-198). Em uma outra oportunidade, valeria a pena cruzar os textos escritos por Pessoa em 1916, como também aqueles escritos antes, mas publicados naquele ano, de modo que se pudesse, quem sabe, apontar em que medida essa produção apresenta pontos de contato ou, ao contrário, diverge entre si. Para o momento, concentro a apresentação dos documentos de 1916 pertencentes ao conjunto supracitado, de modo a pensar duas figuras centrais no espectro afetivo de Pessoa: Maria Madalena Pinheiro Nogueira, a mãe; Mario de Sá-Carneiro, o amigo.

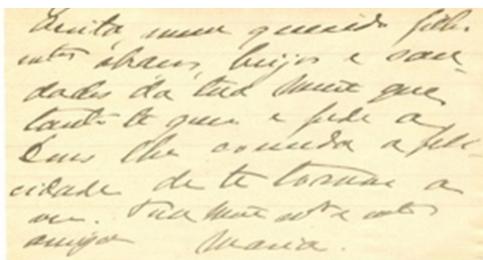
### **Maria Madalena Pinheiro Nogueira**

As primeiras cartas recebidas por Fernando Pessoa no ano de 1916 têm por remetente o padrasto, João Miguel Rosa, e o principal assunto das mesmas é o estado de saúde da mãe e dos irmãos de Pessoa. O padrasto demonstra imensa preocupação com o tratamento que Maria Madalena Pinheiro Nogueira começa a receber depois do derrame, e entende que o estado no qual a esposa se encontra afeta diretamente o estado de saúde dos irmãos de Pessoa, sobretudo de Henriqueta (Teca) que, segundo o pai, sofre dos nervos desde o derrame da mãe.

A mãe também escreve neste ano, com alguma dificuldade, dada a paralisia parcial dos membros. Chega a dizer que não vê o dia em que vai poder estar mexendo todo o corpo, o que deveria ser coisa comum a todas as pessoas. Mas, apesar da doença grave que a deixa em condição muito frágil e temerária, o que mais chama à atenção é o carinho e a preocupação com Pessoa. Sempre se dirigindo ao filho como “mãe muito amiga”, sempre muito saudosa do filho, e esperançosa de que um dia,

que espera não estar muito distante, volte a ver o querido filho, o que só voltará a acontecer quatro anos mais tarde, em Março de 1920.

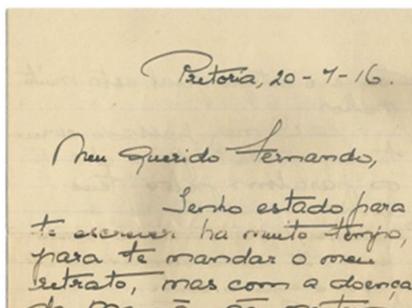
Figura 4 – Carta de 28-6-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Os irmãos João Maria e Henriqueta também escrevem a Pessoa, João, em inglês, porque afirma ser mais proficiente na língua materna, já que nascera na África do Sul, e Teca em português. Ambos lamentam o estado de saúde da mãe, mas acabam por falar de alguns interesses pessoais. João, começa a se apaixonar por filatelia com o outro irmão, Luiz. Já Teca se envolve com muitas atividades, incluindo piano, canto e tênis, o que acaba por lhe provocar dores demasiadas no braço, dificultando-lhe a caligrafia da missiva, “que vai mal escrita, porque os músculos do braço direito estão muito doridos” (Martines; Vizcaíno; Xavier; Pizarro; Sousa, 2023). Nesta altura Sá-Carneiro já estava morto há quase um mês.

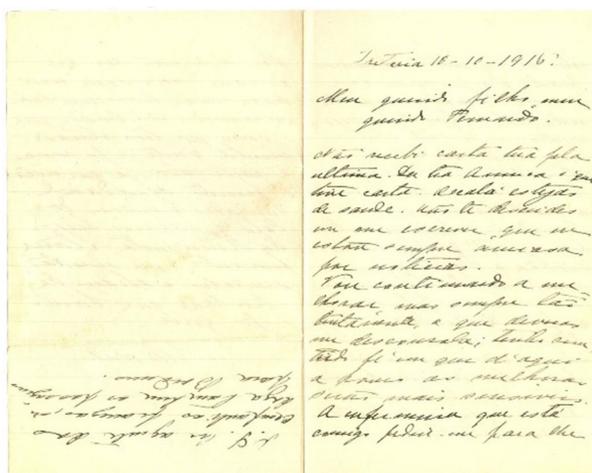
Figura 5 – Carta de 20-7-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

Toda ambiência contribui para um certo silenciamento de Pessoa diante da família. A guerra, a doença da mãe, as demandas dos irmãos, nada faz com que Pessoa encontre forças para responder subsequentemente às cartas que se acumulam a partir de então. Não acontece apenas em âmbito familiar, como poderá ser notado na relação com Sá-Carneiro a partir daquele ano. As cartas de cariz familiar encerram com uma escrita pela mãe, na qual solicita a Pessoa que obtenha informações acerca do valor de passagens de navio, de Lisboa a Amsterdam, e também a passagem em 2ª classe de Lisboa a Boulogne, e 2ª classe de Lisboa a Paris, pelo caminho de ferro. Pede que para isso procure Orey, Antunes & Cª. A carta é datada de 10 de outubro, e não se terá mais notícias de correspondência naquele ano.

Figura 6 – Carta de 10-10-1916 (detalhe)



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

## Mário de Sá-Carneiro

Assim como o derrame da mãe começa por tirar Fernando Pessoa de um estado de sossego em fins de 1915, é também a partir de dezembro daquele ano que a correspondência entre ele e Mário de Sá-Carneiro começará a revelar o que estaria por vir. O diálogo entre os amigos e

parceiros editoriais se desenvolverá com certa tensão nos primeiros meses de 1916, até culminar com o suicídio de Mário em 26 de abril daquele ano.

Em carta enviada em 13 de Janeiro de 1916, Sá-Carneiro afirmava ao amigo estar louco.

Ao menos não sou só eu que estou doido. Porque creia, meu pobre Amigo: eu estou doido. Agora é que já não ha duvidas. Se lhe disser o contrario numa carta próxima e se lhe falar como dantes – você não acredite: O Sá-Carneiro está doido. Doidice que pode passear nas ruas – claro. Mas doidice. (Sá-Carneiro, 2015, p. 452)

A sequência de missivas vai demonstrando o ceticismo e a apatia crescentes de Sá-Carneiro em relação às atividades que envolviam a continuação da editoria do *Orpheu*, bem como o investimento em novas iniciativas literárias, o que o faria, logo em seguida, delegar a Fernando Pessoa a função testamentária de editor de todo o material que lhe fosse enviado a partir daquele momento.

Fala cada vez menos apaixonadamente de literatura, além de demonstrar desapontamento com o silêncio de Pessoa, e um crescente desequilíbrio emocional, o que fica evidenciado nas cartas de 21 e 26 de Janeiro de 1916, respectivamente. Nelas, Mário demanda do amigo as respostas “retardadas” às cartas já enviadas. “Por amor de Deus não se esqueça de mim – Escreva-me o mais breve possível” (Sá-Carneiro, 2015, p. 455). Na carta de 26 de janeiro constata que a postura de Pessoa é “inadmissível” (Sá-Carneiro, 2015, p. 456) e conclui: “Não se esqueça de [...] me ESCREVER” (Sá-Carneiro, 2015, p. 456). O suicídio foi a solução desesperada encontrada pelo poeta que não achava mais lugar num mundo em que o dinheiro do pai não sustentava o seu dandismo exagerado e luxuoso, tampouco lhe parecia possível abrandar a tortura de não conseguir harmonizar a convivência de sua alma e seu corpo.

No conjunto de correspondências, a que recentemente tivemos acesso, há apenas uma carta de Sá-Carneiro a Pessoa, enviada em Fevereiro de 1916<sup>2</sup>, contendo um poema apenas, sem demais papéis

---

<sup>2</sup> Richard Zenith (Zenith, 2022, p. 555) aponta na sua biografia que a data exata desta carta é 3 de fevereiro de 1916, no entanto, não encontramos nenhuma materialidade no suporte que confirme essa afirmação. Já em *Poesia Completa de Mário de Sá-Carneiro*, edição de Ricardo de Vasconcelos, a data apontada para o envio da carta, que também continha o poema “Aquele Outro” é 16 de fevereiro de 1916.

anexados, carta esta originalmente apresentada na edição crítica da correspondência *Em Ouro e Alma* (2015), organizada por Ricardo Vasconcelos. A “redescoberta” desse original, nos aponta algumas curiosidades sobre o suporte, o conteúdo, e chama à atenção para eventos que se darão posteriormente ao suicídio de Mário de Sá-Carneiro

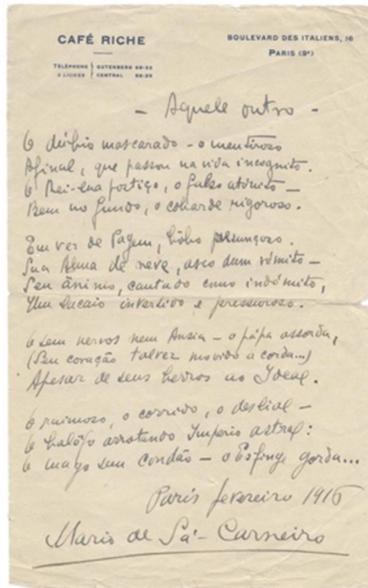
O poema “Aquele Outro” está manuscrito assinado e com data de Fevereiro de 1916, numa folha de papel carimbado do Café Riche, em Boulevard des Italiens. Trata-se, segundo Ricardo Vasconcelos, da segunda versão do poema, cujo original se encontra na Coleção Particular 2 (CP2)<sup>3</sup>, publicado pela primeira vez em *Mário de Sá-Carneiro: Fotobiografia* (1988), de Marina Tavares Dias, e que acompanharia carta de 16 de Fevereiro, na qual Sá-Carneiro apresenta entre outros assuntos o poema “Quando eu morrer batam em latas” e “Eu queria ser mulher para poder me estender”. “Aquele Outro” é referido como “soneto mau”.

Mas então p[ar]a fixar o instante desta minha vinda ao Café Riche onde agora já não entro com medo de encontrar o Mario – hoje felizmente êle não estava, estava só o *monsieur* do *Temps*. – envie-lhe esta carta inutil e riscada que você perdoará, hein? Aproveito para remeter um soneto mau. Agora porem o que estou é muito interessado na confecção dum poema irritantissimo, “Feminina” – que comecei ontem á noite, quando me roubaram o chapeu de chuva. (Sá-Carneiro, 2015, p. 470).

Já se mostra interessante o fato do presente testemunho ser a segunda de três versões do poema, o que já está devidamente pontuado por Vasconcelos em sua edição crítica, entretanto não deixa de interessar a quem agora toma conhecimento do testemunho enviado a Pessoa, não ter sido nem a primeira, nem esta a versão, a segunda, a figurar na pequena coletânea “Os Ultimos Poemas de Mario de Sá-Carneiro”, publicada em *Athena*, n.º 2, de Novembro de 1924. A versão lá publicada será, segundo Vasconcelos, a terceira, encontrada por Carlos Ferreira, amigo de Pessoa e Sá-Carneiro, que recentemente retornado da Primeira Grande Guerra foi ao quarto de Sá-Carneiro logo após seu suicídio, resgatando alguns papéis, dentre os quais, a versão do poema. (Sá-Carneiro, 2018, p. 625).

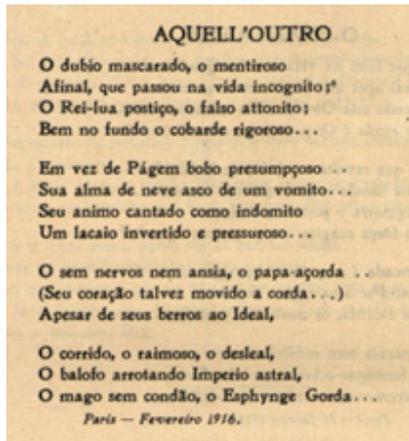
<sup>3</sup> O espólio de Sá-Carneiro está dividido categoricamente em CP (Coleção Particular), CP1 (Coleção Particular 1), CP2 (Coleção Particular 2).

Figura 7 – Manuscrito de “Aquele Outro”. Paris – 16-02-1916



Fonte: Sá-Carneiro (2015, p. 245).

Figura 8 – Versão de “Aquele Outro” publicada em *Athena* I (2)



Fonte: [https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Athena\\_2.pdf](https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Athena_2.pdf)

Para além do título, que expõe uma das premissas centrais da poética sá-carneireana, mas também da poética de Pessoa: o outramento, o reconhecimento da fratura da subjetividade, da inexistência da unidade ou da centralidade, supostamente referentes a um sujeito empírico, os versos de “Aquele Outro” testemunham a assunção das máscaras, do fingimento, do fastio, do tédio, do cansaço e do falhanço diante da vida, por uma via que revela a angustiada e amargurada autoreferencialidade: “o balôfo arrotando Imperio astral: / O mago sem condão – o Esfinge gorda” (Sá-Carneiro, 2018, p. 151). Ricardo Vasconcelos, em recente conferência na Biblioteca Nacional de Portugal, por ocasião da *Semana de Eventos Pessoaanos 2023*, organizada pelo CLEPUL e pela Universidad de Los Andes, apontou ecos do referido poema de Sá-Carneiro na poesia de Fernando Pessoa. Transcrevo aqui um trecho da fala do crítico. A citação é longa, contudo oportuna:

Não será talvez a forma mais óbvia de terminar esta apresentação, mas gostaria de fazer uma comparação entre dois versos de Sá-Carneiro e Pessoa e daí extrair algumas consequências. No caso de Sá-Carneiro, refiro-me ainda a “Aquele Outro” um dos “últimos poemas” do escritor, nos quais, como vimos, Eduardo Lourenço diz haver uma “inversão” do estatuto de “realeza sob o modo de bobo que em dolorosa raiva pisa e destrói a sua imagem real em Esfinge Gorda.” Apresentando grotescamente esse “Aquele Outro” que é o eu, Sá-Carneiro tem um interessante *insight* que se intromete no poema sob a forma de um breve parênteses (novamente o parênteses a dar conta das ideias que fugazmente nos iluminam a existência). Na sequência de uma lista de imagens em que se contrastam a desejada grandeza e a mais vil realidade, ou simplesmente se exponencia esta última com múltiplas imagens de fracasso, Sá-Carneiro diz-nos neste poema de Fevereiro de 1916, sobre «Aquele Outro», que é o

“(Seu coração talvez movido a corda)”.

Pensemos agora em Pessoa, na sua “Autopsicografia” [118-46r], cujo rascunho data de 1 de Abril de 1931, e que termina com a quadra

“[...] E assim nas calhas de roda,  
Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda  
Que se chama coração.”  
(p. 95 da *Antologia Mínima*).

Fugirei a uma análise de uma das passagens pessoais mais repisadas e cristalizadas, para sugerir apenas que na imagem em apreço podemos assistir à ideia da vida humana em circuito fechado que, alheia à sua própria finitude, entretém o pensamento e a consciência, ou talvez mais corretamente se entretém no seu próprio pensamento e na sua própria consciência. Até que um dia pare. (Vasconcelos, 2023).

Não se pode perder de vista que se trata de um dos vários poemas escritos por Sá-Carneiro muito próximo à data de sua morte. Ainda que não seja exatamente o caso de desenvolvermos aqui uma análise do poema, apontando para ecos em alguns tantos poemas de Fernando Pessoa, como fez Ricardo Vasconcelos, – o que seria um exercício dialógico interessante, por exemplo, para uma aula expositiva sobre os dois autores – creio ser importante ratificar o quanto a redescoberta deste testemunho, tomado em contexto com os acontecimentos de natureza familiar, permite que voltemos o olhar para o ano de 1916 na expectativa de estabelecer conexões entre a correspondência e a escrita literária de Fernando Pessoa. Há, certamente, aqui, uma porta aberta a trabalhos ainda por fazer.

Atentos às armadilhas que associam em relação causal biografia e obra, não é de se desconsiderar o efeito que os acontecimentos de 1916 tiveram sobre Fernando Pessoa, particularmente em se tratando de duas figuras de tamanha importância afetiva. De um lado, a Maria Madalena Nogueira, por quem Pessoa nutria um sentimento incomparável e amor e ancoragem. De outro, talvez seu mais constante interlocutor, colaborador e parceiro intelectual, amigo e confidente, Mário de Sá-Carneiro. Ambos transformaram-se em matéria poética para Pessoa, ao mesmo tempo que se tornaram, num intervalo de 9 anos (26 de Abril 1916 e a 17 de Março de 1925, respectivamente), ausências incontornáveis.

## Referências

DIAS, M. T. *Mário de Sá-Carneiro*: Fotobiografia. Lisboa: Quimera, 1988.

MARQUES, R. “1916: Um ano de revistas literárias”. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 38, n. 2, p. 199-209, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras>.

MARTINES, E.; VIZCAÍNO, F.; XAVIER, R.; PIZARRO, J. & SOUSA, R. “O espólio infinito: sobre algumas aquisições em falta”. In. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 23, Primavera, pp. 158-661. Brown Digital Repository, Brown University Library.

PESSOA, F. “Ceifeira”. *Terra Nossa*, n. 3, set. 1916. Disponível em: [https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Terra\\_nossa\\_3.pdf](https://modernismo.pt/images/revistas/pdf/Terra_nossa_3.pdf)

PESSOA, F. *136 pessoas de Pessoa*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Rio de Janeiro: Tinta-da-china, 2017.

PESSOA, F. *Correspondência: 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

PESSOA, F. *Livro do desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2014.

PESSOA, F. *Sensacionismo e outros ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: INCM, 2009.

SÁ-CARNEIRO, M. de. “Os últimos poemas de Mario de Sá-Carneiro”. *Athena – Revista de Arte*, Lisboa, vol. I, n. 2, nov. 1924.

SÁ-CARNEIRO, M. de. *Em ouro e alma: correspondência com Fernando Pessoa*. Edição de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china, 2015.

SÁ-CARNEIRO, M. de. *Poesia completa*. Edição de Ricardo Vasconcelos. Lisboa: Tinta-da-china, 2017.

SOUSA, R.; PIZARRO, J.; FERNANDES, M. P. (2022). “O espólio infinito: Sobre as novas aquisições, 390 a 829”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 21, Primavera, pp. 239-471. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/zg56-re52>.

VASCONCELOS, R. “Tropeçar no morto – Mário de Sá-Carneiro visto por Eduardo Lourenço”. In: *Colóquio Internacional: Labirintos Críticos*

*de Eduardo Lourenço*. Conferência proferida em 12 de junho de 2023, no Auditório da Biblioteca Nacional de Lisboa. Programa: <https://www.semanadeventospessoanos.online/>

ZENITH, R. *Pessoa*. Uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

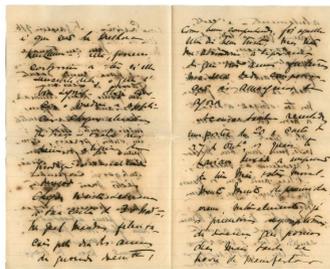
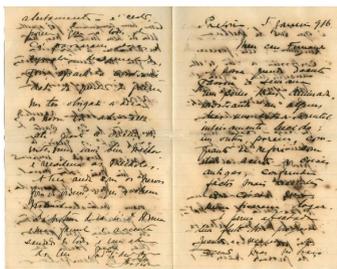
Data de submissão: 03/07/2023.

Data de aprovação: 28/08/2023.

## ANEXO

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal.

## Documento 129

**Registo:** Cartas 1, 56-59.**Remetente:** João Miguel Rosa.**Destinatário:** Fernando Pessoa.**Local e data:** [Pretória], 05-01-1916.**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta em bifólio, de papel com pautas. Num *post-it* amarelo lê-se, a tinta azul: “Ñ há mais notícias de relevo”.**+ Info:** O padraço fala da impossibilidade de ir a Lisboa por conta da guerra e também fala da pouca estabilidade emocional que a doença de Maria causou em membros da família, particularmente na Henriqueta (Teca).

Pretoria, 5 Janeiro 916.

Meu caro Fernando.

A nossa querida doente passou a semana um pouco mais animada, mostrando em alguns dias um estado mental inteiramente lucido; em outros, porem, comquanto se refira com todo o acerto a coisas antigas, confunde factos mais recentes com coisas que nunca tiveram logar.

A perna affectada tem feito bons progressos quanto a recuperar a acção. Mas no braço é que não ha melhora nenhuma...; ella, porem, continúa a ter n'elle sensibilidade, o que é bom signal. Hoje começou o medico a applicar choques electricos ao braço – oxalá nos deem a alegria de produzir o resultado devagar.

Chegou n'esta semana a tua carta de 30 Nov[embro], na qual mandas felicitações pelo dia dos annos da querida doente; como bem comprehendes, foi aquelle um dia bem triste, mas não me abandona a esperanza de que nos annos futuros nos será dada compensação ás amarguras de agora.

Accusas tambem recebido um postal de 20 e carta de 27 de Out[ubr]o, os quaes te haviam deixado a impressão da tua mãe estar moralmente muito deprimida; eram, naturalmente, já os primeiros symptomas da doença que poucos dias mais tarde se havia de manifestar abertamente – é certo, porem, que a todos de cá passaram esses symptomas despercebidos, pois, aparte a contrariedade da questão da guerra nos ter obrigado a adiar a nossa ida ahi, ella até, quanto á doença os intestinos iam bem melhor, e reconhecia as melhoras.

A Teca anda com os nervos fôra de ordem, o que é bem natural.

Dá noticias de cá á D Annica e mais familia, e acceita saudades de todos e um abraço do teu Pad[ras]to m[ui]to amigo

João Rosa

## Documento 130

**Registo:** Cartas 1, 60-61.

**Remetente:** João Miguel Rosa.

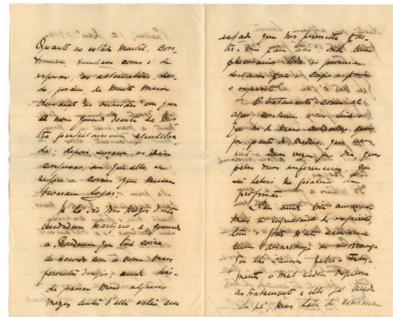
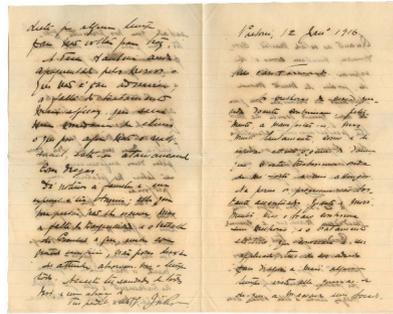
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** [Pretória], 12-01-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta no rosto e no verso de um bifólio, com pautas. O reg. 60 traz o início da carta à direita e o final da mesma, escrito à esquerda. O reg. 61, traz a continuação da carta, da esquerda para a direita.

+ **Info:** João Miguel Rosa fala da saúde dos irmãos de Pessoa: João Maria, com problemas de estômago; Henriqueta, com problemas nervosos. Pede para dar notícias à família e, em especial, à tia Anica.



Pretoria, 12 de Jan[eir]o 1916.

Meu caro Fernando.

As melhoras da nossa querida doente continuam, felizmente, a manifestar-se, mas muito lentamente, como é de esperar attendendo o grau da doença que, n'esta tristissima onda de má sorte, a veio attingir.

Na perna os progressos são bastante accentuados quanto a movimentos, mas o braço continua sem melhoras, e o tratamento electrico, que começára a ser applicado, teve de ser adiado para d'aqui a mais algum tempo, visto ella queixar-se de que a magoava um bocado.

Quanto ao estado mental, continuam, tambem como é de esperar, as alternativas, sendo, por isso, de muito maior duração as occasiões em que a nossa querida doente se mostra perfeitamente equillibrada; depois, surgem as ideias confusas, em que ella se refere a coisas que nunca tiveram lugar.

Já lá vão dois mezes d'este verdadeiro martyrio, e, querendo a Providencia que tudo cõrra de accordo com os nossos mais ferventes desejos, ainda hão-de passar mais alguns mezes antes d'ella estar em estado que nos permitta partir-mos para ahi, antes disso precisamos todos de procurar descanso para o corpo e para o espirito.

O tratamento, como até aqui, continúa a ter sido o que ha de mais cuidadoso, quer por parte do medico, que vem vèl-a duas vezes por dia, quer pelas duas enfermeiras, que são habeis na pratica da profissão.

Para ainda me amargurar mais a inquietação do espirito, tem o João n'esta semana um desassocego de estomago que lhe causava febre. Felizmente, o mal cedeu depressa ao tratamento e elle já anda de pé, mas tem de conservar dieta por algum tempo para não voltar para traz.

A Teca tambem anda apoquentada pelos nervos, o que não é para admirar; á falta de tratamento mais efficaz, que seria uma mudança de clima, o que por agora não é realizavel, está-se atamancando com drogas.

Dá noticias á familia e, em especial á tia Annica; ella que me perdoe não lhe escrever, mas a falta de tranquillidade e o trabalho do Consulado a que, embora com grande sacrificio, não posso deixar de attender, absorvem-me o tempo todo. Acceita tu saudades de todos nós, e um abraço do

Teu pad[ras]to e amigo,

João Rosa.

## Documento 131

**Registo:** Cartas 1, 62-65.

**Remetente:** João Miguel Rosa.

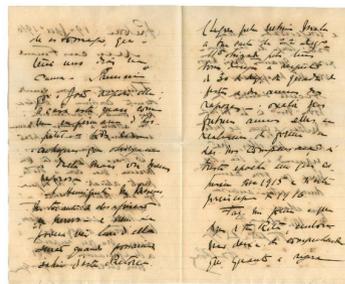
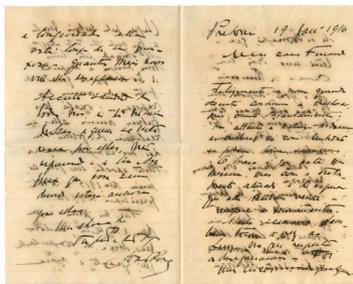
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** [Pretória], 19-01-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta em bifólio, de papel com pautas. Existe um *post-it* amarelo com notas a tinta azul e o seguinte texto: “Do padraço para o Fernando. Dá notícias de todos. A mãe do F. está ligeiramente melhor”.

+ **Info:** Padraço fala da saúde dos irmãos de Pessoa: Luís, com problemas de estômago; João, com outros, que sugerem necessidade de dieta; e Henriqueta, com dificuldades nervosas, provenientes do estágio no qual as coisas se encontram em Pretoria.



Pretoria, 19 Jan[eir]o 1916.

Meu caro Fernando.

Felizmente, a nossa querida doente continua a melhorar, mas muito vagaro-samente; mas, attenta a natureza da doença, as melhoras só com lentidão se podem tornar sensíveis.

O braço é que está na mesma, mas com o tratamento aturado é de esperar que elle tambem venha a recuperar os movimentos.

N'esta semana, tambem tocou a vez ao Luiz, no que respeita a desafinações. Foi um incómodo qualquer de estomago, que o teve uns dias na cama. Primeiro foi o João, depois elle; a casa está quasi como uma enfermaria d'hospital – todos com achaques que obrigam a dieta mais ou menos rigorosa.

A Henriqueta so mexeu, no tocante a desafinação, nos nervos – e nem se poderá ver livre d'ella senão quando possámos sahir d'esta Pretoria.

Chegou pelo veleiro mala a tua carta de 22 Dez[embr]o. M[ui]to obrigado pelos teus bons desejos a respeito de 30 de Dez[embr]o da quadra de festas e dos annos dos rapazes – ; oxalá nos futuros annos ellas se realisem, de forma a dar-nos compensação á triste epocha em que anuncia fim 1915 e n'este principio de 1916.

Faz-me pena o que dizer da tia Rita, embora não deixe de comprehender que, quanto a rizeza e longevidade ella está longe de ser queixosa – quantos mais novos verá ella desaparecer!

Acceita saudades de todos nós, e dá noticias nossas a quem se interessa por ellas, não esquecendo a tia Annica, que essa sem duvida estará anciosa por ellas.

Um abraço do teu pa[dras]to e amigo

João Rosa

## Documento 132

**Registo:** Cartas 1, 70-73.

**Remetente:** João Miguel Rosa.

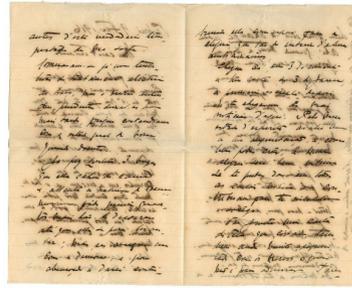
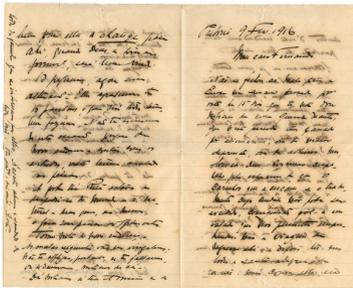
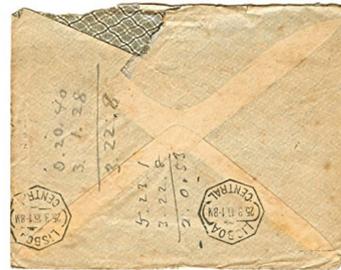
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** [Pretória], 09-02-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta em bifólio de papel pautado. Conserva-se um *post-it* amarelo, em que se lê: “Carta do Padrasto para F.P. sem notícias especiais”.

+ **Info:** João Miguel Rosa fala do início da tentativa de tratamento com choque elétrico e das sequelas do derrame sofrido em 1915. Note-se que os selos, no verso do envelope, indicam que a carta chegou a Lisboa a 25 de Março de 1916; no verso do suporte, Pessoa fez algumas contas a lápis.



Pretoria, 9 Fev. 1916.

Meu caro Fernando.

Não se fechou cá Mala para a Europa na semana passada, por isto ha 15 dias que te não dou noticias da nossa querida doente, que n'este periodo tem passado por alternativas, ora de maior depressão, ora de allivios; mas, louvado Deus, continuo amparado pela esperança de que os carinhos que a cercam, e o tratamento cujo cuidado não pode ser excedido, conseguirão pô-la em estado que nos permita emprehender-

mos a viagem de regresso ahi, e depois ter-mos todos a santa alegria de a vêr-mos como ella era antes d'esta verdadeira tempestade de má sorte.

Começaram-se já umas tentativas de tratamento electrico ao braço, mas o medico entendeu prudente deixal-os para mais tarde, porque contendiam com o estado geral da nossa querida doente.

Já fez hontem 3 mezes que ella cahiu de cama, e, attenta a natureza da doença, ninguem pôde prevêr quantos mais hão-de decorrer até que ella se possa levantar; mas, eu resigno-me com a demora, e por abençoada a darei contribuindo ella, como espero, para a alegria que tão do intimo d'alma ambicionámos.

Chegou cá, em 3 do corrente, a tua carta de 3 de Janeiro, a primeira escripta depois de te chegarem as más noticias d'aqui. Pelo meu estado d'espírito, avalio bem a tua inquietação, e, como bem podes crêr, a minha alegria será bem intima se te puder dar em todas as cartas noticias que contribuam para te restabelecer o socêgo.

Vae junto uma carta da Teca, que, coitada, tambem anda muito apoquentada com os nervos, o que não é para admirar. Tambem para ella, a *change* para ahi, quando Deus a tiver en passant, será bem-vinda.

Os pequenos, agora sem alteração. Elles agradecem-te os parabens, o que nós todos tambem fazemos. Não te escrevemos n'estas semanas, porque de novo andam a cortar todas as estradas, visto terem acabado as feiras.

A pobre tia Rita estava a despedir-se do mundo – é natural – mas que, ao menos, o faça sem passar soffrimentos.

Tomo nota do novo endereço. As malas seguintes vão ser irregulares; não te afflijas, portanto, se te falharem, por 4 semanas, noticias de cá.

Dá noticias á tia Annica e a todos da familia que se interessam por ellas. Aceita abraços e saudades de todos nós.

Teu pa[dras]to m[ui]to amigo.

João

### Documento 133

**Registo:** Cartas 2, 14-15, 308-309.

**Remetente:** Mário de Sá-Carneiro.

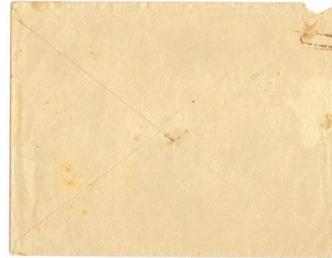
**Destinatário:** [Fernando Pessoa].

**Local e data:** Paris, 02-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** O reg. 14 mostra o manuscrito assinado e datado do poema “Aquele Outro”, escrito a tinta preta no rosto de uma folha de papel timbrado do Café Riche. Na parte superior esquerda da folha, lê-se: “CAFÉ RICHE”, seguido de: “Téléphone | 2 lignes” e “gutenberg 68-32 | central 86-29”. Na parte superior direita, lê-se: “boulevard des italiens, 16 | Paris (9e)”. O verso da folha (reg. 15) está em branco. Os regs. 308-309 mostram o que poderia ser o envelope que continha este manuscrito. No anverso, lê-se: “Monsieur Fernando Pessoa | escritórios A. Xavier Pinto & Cia | 101 Rua de S. Julião | *Lisbonne* | (Portugal)”. O documento foi, entretanto, adquirido pela Biblioteca Nacional de Portugal e hoje ostenta a cota BNP/E3, 811. Referido em Souza, Pizarro e Fernandes (2022: 459).

Monsieur Fernando Pessoa  
 escritórios A. Xavier Pinto & Cia  
 101 Rua de S. Julião  
 Lisbonne  
 (Portugal)



CAFÉ RICHE  
 BOULEVARD DES ITALIENS, 16  
 PARIS (9e)

- Aquele outro -

O delírio suscitado - o insustentado  
 Afundado, que jazia na vida, no mundo.  
 O luar das palavras, o palco abstrato -  
 Num no plano, o esplendor negro.

Que vez de fogos, todo plasmado  
 Sem alma de neve, esse sem fimite -  
 Sem destino, dentro de uma existência,  
 Uma situação interior e possessiva.

O seu nervos sem alma - o fogo acendo,  
 (Sem convulsões, fúria, nervos e epílogo)  
 Afundar de seus braços no ideal.

O murmuro, o estruendo, o desolado -  
 O delírio arastando milhares de pedras:  
 O luar de um sonho - o espólio, oprimido...

Paris Janeiro 1916  
 Mário de Sá-Carneiro

**Documento 134**

**Registro:** Cartas 1, 66-69.

**Remetente:** João Miguel Rosa.

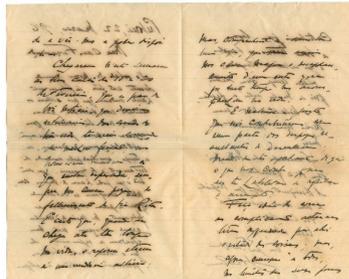
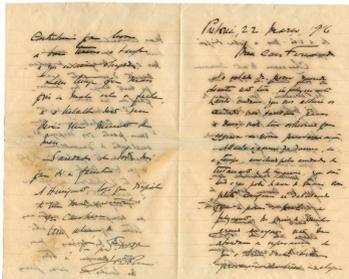
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** [Pretória], 22-03-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta em bifólio, de papel pautado. O reg. 68 (rosto) traz o início da carta à direita e o final da mesma, à esquerda. O reg. 69 (verso), traz a continuação da carta, da esquerda para a direita. Num *post-it* lê-se: “Ñ parece trazer novidades assinaláveis”.

+ **Info:** Embora o *post-it* diz não haver novidades notáveis, João Miguel Rosa lamenta o falecimento da tia Rita (tia-avó de Pessoa), e se coloca à disposição para auxiliar no pagamento dos custos funerários.



Pretoria, 22 Março, 1916

Meu caro Fernando.

No estado da nossa querida doente, não tem, infelizmente, havido mudança que nos allivie os cuidados, mas tambem, graças a Deus, nada tem sobressaído para agravar as nossas preocupações.

Attento o grau da doença, só o tempo, auxiliado pelos cuidados do tratamento e de hygiene, que são tudo o que pode haver de mais completo, conseguirá ir debelando pouco a pouco o mal, e felizmente,

no meio da minha grande amargura, não me abandona a esperança de que o termo d'estas horriveis provações nos trará a alegria de a vêr-mos a poder dispor de si.

Chegaram n'esta semana as tuas cartas de 15 e 20 de Fevereiro, que, a par da bôa noticia, que diversas situações, das coisas da tua vida te irem correndo de melhor feição, nos trouxeram tambem a que, embora esperada, sempre nos causa pezar, do fallecimento da tia Rita.

É certo que, quando se chega até tão longe na vida, o repouso eterno é um verdadeiro allivio; mas, comprehendo-te, como tão bem dizes, que mesmo assim nos causa magoa o desaparecimento d'um ente que por tanto tempo nos acompanhou na vida.

É natural e justo que nós contribuâmos com uma parte das despezas resultantes do desenlace; manda-nos tu, portanto, dizer o que nos coube, para eu te habilitar a regular o montante.

Faço ideia de como as complicações actuaes terão aggravado por ahi o estado das coisas; mas, agora cumpre a todos, nos limites das suas posses contribuir para levar a bom termo o tempo a que estamos obrigados.

Sem tempo para mais, pois a mala está a fechar, e o trabalho não me deixa nem muito tambem.

Saudades de todos nós para ti e familia.

A Henriqueta, logo que disponha de umas horas, escreverá á tia Carolina.

Um abraço do

Teu pa[dras]to amigo

João Rosa.

## Documento 135

**Registo:** Cartas 2, 334-335, 291.

**Remetente:** João Miguel Rosa.

**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** Pretória, 07-06-1916.

**Reprodução:** Do verso, em França (1987: 188).

**Materiais:** A parte superior do rosto do postal tem, impressas, as indicações seguintes: “UNION POSTALE

UNIVERSELLE | TRANSVAAL |

POST CARD CARTE POSTALE | THE

ADDRESS ONLY TO BE WRITTEN

ON THIS SIDE”. Também há dois carimbo

sobrepostos, um dos correios de

Pretória e outro dos correios de Lisboa.

No canto superior direito aparece o selo

do Transvaal (valor “ONE PENNY”),

também carimbado em Pretória. Na parte

inferior do rosto foi escrito, a tinta preta:

“Ex<sup>mo</sup> Sr. Fernando Nogueira Pessoa. | Ao

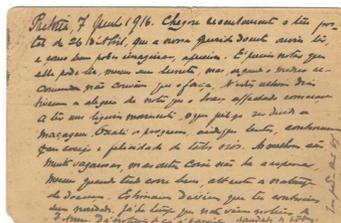
cuidado dos Snrs. A. Xavier Pinto & C<sup>ia</sup>

| R. de S. Julião, 101, 1<sup>o</sup> and. | Lisbon |

Portugal.”. Também aparece um carimbo

dos correios de Funchal.

+ **Info:** O reg. 291 – uma capa de plástico transparente com quatro bolsos para conter documentos dobrados – permite ver um postal, dentro do bolso inferior esquerdo, que se refere a esta unidade de correspondência. O postal foi escrito pelo padraço numa altura em que a mãe de Fernando estava doente. Richard Zenith, na sua biografia, comenta a preocupação constante de Fernando pela saúde da mãe, de que normalmente recebia uma carta por semana, até se dar o ataque que a adoeceu: “In the second week of November, his mother had suffered a stroke that paralyzed her left side. Only now did he learn the news, since mail from South Africa took as much as a month to reach Lisbon. [...] She was fifty-three years old, almost fifty-four – too young for a stroke. It had fortunately hit her left side rather than her right, but it hit very hard. For the next six months, João Miguel Rosa would send weekly reports to Fernando about his wife’s recovery, which was worryingly slow. The doctors experimented with electric shocks, but she found them unbearable” (2021: 498).



Pretoria, 7 Junho 1916.

Chegou recentemente o teu postal de 26 d’Abril, que a nossa querida doente ouviu lêr, e, como bem podes imaginar, apreciou. É preciso notar que ella pode lêr, mesmo sem luneta, mas, segundo o medico recommendou, não convém que o faça. N’estes ultimos dias

tivemos a alegria de notar que o braço affectado começou a ter um ligeiro movimento, o que julgo ser devido a maçagem. Oxalá os progressos, ainda que lentos, continuem para socego e felicidade de todos nós. As melhoras são muito vagarosas, mas outra coisa não ha a esperar, mesmo quando tudo corre bem, attenta a natureza da doença. Estimamos deveras que tu continues sem novidade. Já ha tempo que não vêem noticias de D. Anna. Dá noticias de cá à familia. Saudades de todos.

Teu padre m[ui]to amigo

João Miguel

**Documento 136**

**Registo:** Cartas 1, 74-79.

**Remetente:** Maria Magdalena Pinheiro Nogueira.

**Destinatário:** Fernando Pessoa.

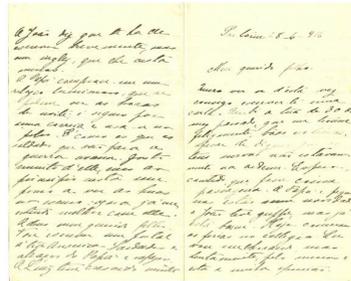
**Local e data:** [Pretória], 28-06-1916.

**Local e data:** [Pretória], 28-06-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Carta manuscrita a tinta preta no rosto e no verso de um bifólio de papel sem pautas, e ainda em meia folha final. O envelope, que se conserva, tem selos de Pretória (28 jun 16) e Lisboa (27.7.16).

+ **Info:** O padrasto de Pessoa comprou um relógio luminoso para Maria Magdalena, no qual ela pode ver as horas à noite. Ela menciona que é semelhante aos que os soldados utilizam na guerra.



Pretoria 28 – 6 – 916

Meu querido filho.

Quero ver se d'esta vez consigo escrever-te uma carta. Recebi a tua de 30 do mez passado, que me trouxe, felizmente, boas noticias, apesar de dizeres que teus nervos não estavam muito na ordem. Espero, comtudo, que fosse cousa passageira. O Papá e pequenos estão sem novidade; o João teve grippe, mas já está bom. Hoje começam as ferias no collegio. Eu vou melhorando, mas lentamente, pelo menos é esta a minha opinião.

A enfermeira que cá temos começou ha dias a fazer-me pôr de pé e dar alguns passos, mas que grande difficuldade tenho em o conseguir, porque a perna esquerda está ainda um pouco mais curta do que a direita, pois os musculos do joelho estão ainda contrahidos. Se a enfermeira, que é m[ui]to forte me não segurasse, não podia mesmo fazer o pouco que faço, pois a perna não pôde supportar o peso do corpo, e coxeio bastante quando com a ajuda da nurse faço a diligencia parecer mexer a minha helpless leg.

O braço ainda não se mexe nem a mão, de modo que me sinto muito desgostosa ainda. O estado geral pode dizer-se que está normal, e o medico acha que eu tenho melhorado mais depressa do que elle suppunha, pois estas paralyisias levam muito tempo a curar-se. Que felicidade será a minha no dia em que me poder mexer como a maior parte da gente! É uma tristeza viver assim! Há quasi 8 mezes doente! Tanto tempo, meu Deus!

O João diz que te ha de escrever brevemente, mas em inglez, que lhe custa menos.

O Papá comprou-me um relógio luminoso, que se podem ver as horas de noite; é seguro por uma correia e usa-se no pulso. É como os que os soldados que vão para a guerra usam. Gosto muito d'elle, mas ao principio custa um pouco a ver as horas no escuro; agora já me entendo melhor com elle. Adeus, meu querido filho. Vou escrever um postal á tia Annica. Saudades e abraços do Papá e rapazes. O Luiz tem crescido muito[.] Já está mais alto do que a Henriqueta, caso este que a faz zangar bastante.

Hei de ver se lhe tiram a medida para te mandar para a outra mala. Creio que afinal o Luiz vae ser alto. O João ultimamente não tem crescido muito, mas naturalmente lá para os 14 anos começa a espigar como aconteceu ao Luiz.

Aceita, meu querido filho[,] m[ui]tos abraços, beijos e saudades da tua Mãe que tanto te quer e pede a Deus lhe conceda a felicidade de te tornar a ver. Tua Mãe m[ui]to e m[ui]to amiga

Maria.

### Documento 137

**Registro:** Cartas 2, 351-354, 312-313.

**Remetente:** João Maria Nogueira Rosa.

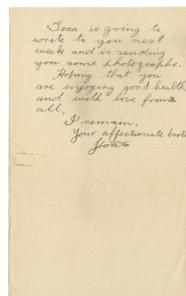
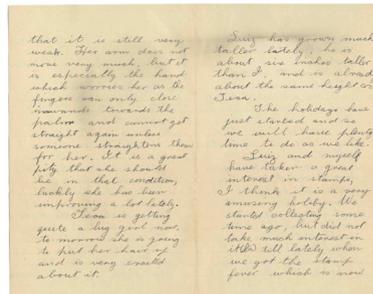
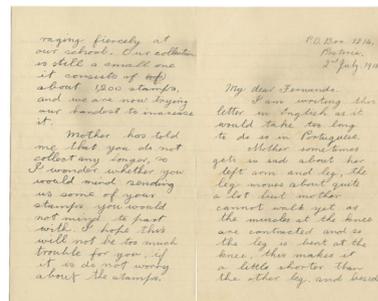
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** Pretória, 02-07-1916.

**Publicação:** Parcial em NOGUEIRA (2005: 85).

**Materiais:** Carta escrita a tinta preta num bifólio (regs. 351-353) de papel pautado, mais meia folha do mesmo tipo de papel (reg. 354). Os regs. 312-313 mostram o envelope que continha a carta: o rosto (reg. 312) tem os carimbos postais e três selos; o endereço do destinatário, escrito a tinta preta, ocupa a grande parte dessa face: “Ex<sup>mo</sup> Snr. | Fernando Pessoa. | R. de S. Julião 101-1º | Lisbon | (Portugal)”; em baixo, à esquerda, vê-se o carimbo da censura. O verso do envelope (reg. 313), além de carimbos postais na parte inferior, tem uma anotação não autógrafa, escrita a tinta preta: “carta do João | de Pretória | 2-7-1916”. Também existe um *post-it* amarelo em que se lê, escrito a lápis: “carta do João | para o F[ernando] em | 2/7/1916 | Descreve o estado da mãe | e o interesse em coleccionar selos”.

+ **Info:** João diz que escreve em inglês porque tardaria muito tempo para escrever em português. Fala dos problemas da mãe na perna e no braço e da tristeza que isso lhe provoca. Fala também da nova paixão que ele e o irmão Luiz têm por coleccionar selos e pede a Fernando se lhes pode enviar os que ele tem.



Pretoria.  
2<sup>nd</sup> July 1916

My dear Fernando.

I am writing this letter in English as it would take too long to do so in Portuguese.

Mother sometimes gets so sad about her left arm and leg, the leg moves about quite a lot but mother cannot walk yet as the muscles at the knee are contracted and so the leg is bent at the knee, this makes it a little shorter than the other leg, and besides that it is still very weak. Her arm does not move very much, but it is especially the hand which worries her as the fingers can only close inwards towards the palm and cannot get straight again unless someone straightens them for her. It is a great pity that she should be in that condition, luckily she has been improving a lot lately.

Teca is getting quite a big girl now, to-morrow she is going to put her hair up and is very excited about it.

Luiz has grown much taller lately; he is about six inches taller than I, and is already about the same height as Teca.

The holidays have just started and so we will have plenty time to do as we like.

Luiz and myself have taken a great interest in stamps, I think it is a very amusing hobby. We started collecting some time ago, but did not take much interest in it till lately when we got the stamp fever which is now raging fiercely at our school. Our collection is still a small one it consists of about 1,200 stamps, and we are now trying our hardest to increase it.

Mother has told me that you do not collect any longer, so I wonder whether you would mind sending us some of your stamps you would not mind to part with. I hope this will not be too much trouble for you, if it is do not worry about the stamps.

Teca is going to write to you next week and is sending you some photographs.

Hoping that you are enjoying good health, and with love from all,  
I remain,

Your affectionate brother,

João

## Documento 138

**Registo:** Cartas 2, 348-350, 306-307.

**Remetente:** Henriqueta Magdalena Nogueira Rosa.

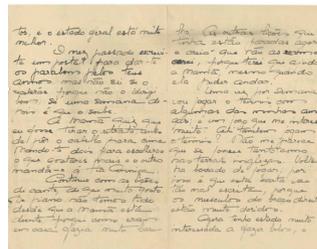
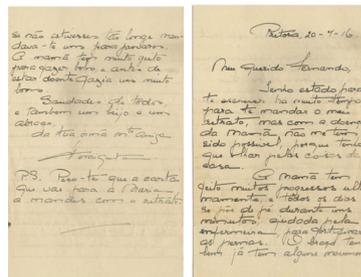
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** Pretória, 20-07-1916.

**Publicação:** NOGUEIRA (2005: 86).

**Materiais:** Carta escrita a tinta preta num bifólio de papel pautado (regs. 348-350). O reg. 306 mostra o rosto do envelope que continha a carta. Lê-se o endereço do destinatário: “Ex<sup>mo</sup>. Snr. | Fernando N. Pessoa | Na casa A. Xavier Pinto e C.<sup>a</sup>. | R. de S. Julião 101 – 1º andar. | *Lisbon*. | (Portugal)”. Além disto, há algumas anotações a lápis azul: no canto superior esquerdo, “Registado”; ao lado de “Exmo. Snr.”, “R”; por cima do endereço, “30”. O reg. 307 mostra o verso do envelope, rasgado, em que se notam dois carimbos postais (também de Pretória, também de 21-07-1916).

+ **Info:** O assunto principal da carta é a doença da mãe e as consequências para a Teca.



Pretoria, 20-7-16.

Meu querido Fernando,

Tenho estado para te escrever há muito tempo, para te mandar o meu retrato, mas com a doença da mamã, não me tem sido possível, porque tenho que olhar pelas coisas da casa.

A mamã tem feito muitos progressos ultimamente, e todos os dias se põe de pé durante uns minutos, ajudada pela en-fermeira, para fortificar as pernas. O braço também já tem alguns movimentos, e o estado geral está muito melhor.

O mez passado escrevi-te um postal para dar-te os parabens pelos teus annos mas não sei se o receberás porque não o dirigi bem, só uma semana depois é que o soube.

A mamã quiz que eu fosse tirar o retrato, antes de pôr o cabelo para cima mando-te dois para escolheres o que gostares mais e o outro manda-o à tia Annica.

Continuo com as lições de canto, de que muito gosto. De piano não temos tido desde que a mamã está doente, porque como eram em casa fazia muito barulho. As outras lições que tinha estão paradas agora, e creio que não as recomecerei, porque terei que ajudar a mamã, mesmo quando ela puder andar.

Uma vez por semana vou jogar o tennis com algumas das minhas amigas; é um jogo que me interessa muito. Ahi também jogam o tennis? Não me parece que se jogue tanto como nas terras inglezas. Voltei ha bocado de jogar, por isso é que esta carta vae tão mal escrita, porque os musculos do braço direito estão muito doridos.

Agora tenho estado muito interessada a fazer bolos, e se não estivesse tão longe mandava-te uns para provares. A mamã tem muito geito para fazer bolos, e antes de estar doente fazia uns muito bons.

Saudades de todos, e também um beijo e um abraço,

da tua irmã m[ui]to amiga

Henriqueta.

P.S. Peço-te que a carta que vae para a Maria a mandes com o retrato.

### Documento 139

**Registo:** Cartas 1, 54-55.

**Remetente:** Maria Magdalena Pinheiro Nogueira.

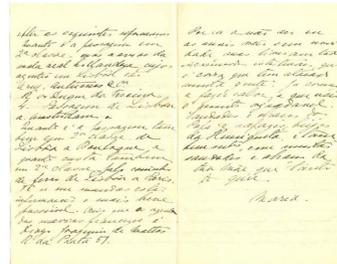
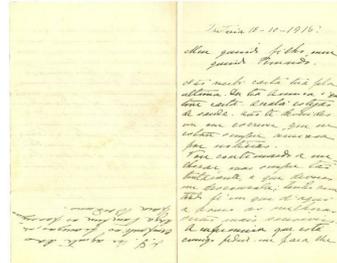
**Destinatário:** Fernando Pessoa.

**Local e data:** [Pretória], 10-10-1916.

**Publicação:** Inédito.

**Materiais:** Uma folha manuscrita à tinta preta em bifólio amarelado com pautas. O reg. 54 (rosto) traz o início da carta à direita e a parte final à esquerda, de ponta-cabeça. O reg. 55 (verso), traz a continuação da carta, da esquerda para a direita.

+ **Info:** Carta da mãe pedindo a Pessoa que obtenha informações acerca do valor de passagens de navio, de Lisboa a Amsterdam, e também a passagem em 2<sup>a</sup> classe de Lisboa a Boulogne, e 2<sup>a</sup> classe de Lisboa a Paris, pelo caminho de ferro. Pede que para isso procure Orey, Antunes & C<sup>a</sup>.



Pretoria 10-10-1916?

Meu querido filho, meu querido Fernando.

Não recebi carta tua pela ultima. Da tia Annica é que tive carta. Oxalá estejas de saude. Não te descuides em me escrever, que eu estou sempre ansiosa por noticias.

Vou continuando a melhorar, mas sempre tão lentamente, o que deveras me desconsola; tenho comtudo fé em que d'aqui a pouco as melhoras serão mais sensiveis. A enfermeira que está comigo pediu-me para lhe obter as seguintes informações[.] Quanto é a passagem em 2<sup>a</sup> classe nos navios da mala real hollandeza, cujos agentes em Lisbôa são

Orey, Antunes & C<sup>a</sup>

R do Duque da Terceira 4.

Passagem de Lisboa a Amsterdam e

Quanto é a passagem também em 2<sup>a</sup> classe de Lisboa a Boulogne e quanto custa também em 2<sup>a</sup> classe pelo caminho de ferro de Lisboa a Paris.

Vê se me mandas estas informações o mais breve possível. Creio que o agente dos navios francezes é

Diogo Joaquim de Mattos

R. da Prata 51.

Por cá a não ser eu os mais vão sem novidade, mas tiveram todos incommodos intestinaes que é coisa que tem atacado muita gente. Já começa a fazer calor; o que não é muito agradável.

Saudades e abraços do Papá e rapazes, beijos da Henriqueta e também m[ui]tos, com muitas saudades e abraços da tua Mãe, que tanto te quer.

Maria.

P.S. No agente das companhias francezas, indaga também as passagens para Bordeaux.